

PROGRAMA EMPODERADAS: TECENDO REDES DE VIDA

Lady Christina de Almeida
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: ladyjonas479@gmail.com

Margarete Gaspar de Almeida
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: gare.almeida@gmail.com

Leandro Alves Gomes de Oliveira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: leandroagdeoliveira@gmail.com

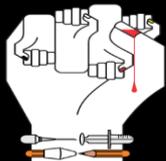
2611

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta parte da pesquisa que está em andamento desde outubro de 2021, momento em que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi instada pela Secretaria de Estado Desenvolvimento Social e Direitos Humanos (SEDSODH) a participar do projeto Empoderadas criado e desenvolvido pela especialista em Segurança Feminina e faixa preta de Jiu-Jitsu (5º Grau) Érica Paes na Secretaria de estado Desenvolvimento Social e Direitos Humanos desde 2019. A parceira UERJ tem como responsável pelo desenvolvimento da pesquisa a Profa. Dra. Rosangela Malachias, docente da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF, que coordena a equipe de 13 profissionais do Projeto Empoderadas na UERJ, do qual nós autoras/es fazemos parte. Essa parceria com a universidade trouxe para a pesquisa a articulação dos eixos: ensino, pesquisa, inovação tecnológica, extensão e difusão cultural.

Atleta premiada, Érica Paes, mentora do programa Empoderadas, ensina técnicas de defesa pessoal a mulheres de todas as idades, forma professoras com sua metodologia para atuar em vários polos¹ do Estado do Rio de Janeiro. A potência do programa Empoderadas está na prevenção e enfrentamento aos vários tipos de violência contra as mulheres, seja no ensinamento das técnicas de defesa pessoal, como também dos protocolos e canais governamentais de denúncia. Outro ponto que merece destaque

¹ O Empoderadas possui 19 polos na cidade e no estado do RJ: Complexo do Alemão, Vila Olímpica da Mangueira, Meier, Santa Cruz, Copacabana, DEGASE (Ilha do Governador), Tijuca, Itanhangá, Barra de Guaratiba, Rocinha, Recreio dos Bandeirantes, Petrópolis, Duque de Caxias, Angra dos Reis I, Angra dos Reis II, Nilópolis I, Nilópolis II, Três Rios, São João de Meriti.



é a formação e fortalecimentos de redes entre as mulheres atendidas nos polos do Empoderadas e a articulação com os equipamentos públicos, centros de atendimento à mulher como CIAM, CEDIM². No evento de comemoração aos 16 anos do CEDIM Baixada, realizado em Magé no dia 19 de abril de 2022, a Subsecretária de Assistência Social e Direitos Humanos, e representante do NIAM³ – Seropédica, Patrícia Gonçalves fez uma exposição contundente sobre a importância da construção e fortalecimento das redes: “*rede significa, conexão, vínculo, ações complementares para promoção de políticas públicas não para nós, mas a partir de nós*”. O programa Empoderadas pode ser pensado como um exemplo de associativismo em que envolve sujeitos sociais com causas sociais ou culturais do cotidiano (SHERRER-WARRER, 2006).

2612

As ações e práticas do programa Empoderadas constroem redes de vida, afetivas, formativas e educativas. Ao visitar alguns polos é perceptível o pertencimento coletivo, o pensar em rede das mulheres do Empoderadas, trocando e compartilhando experiências e vivências dentro do processo de autocuidado e de superação à violência. Os polos Empoderadas como espaço de apoio emocional, afetivo e formativo suscitam trocas, aprender com a coletividade.

No tocante aos dados de violência contra às mulheres, o Brasil é o 5º país no mundo em que se matam mais mulheres, de acordo com o ranking das Nações Unidas. A coleta de grandes bases de dados, sobre violência contra mulheres, nas plataformas do ISP RJ e IPEA tem sua importância para a Pesquisa Empoderadas no sentido de utilizar a análise da informação para diagnosticar os desafios nos territórios estudados e construir relatórios propositivos para a execução de políticas públicas. No caso do Município de Duque de Caxias, como observatório territorial, sobre violências contra as mulheres, o levantamento de dados é uma ferramenta intersetorial de suma importância entre a SEDSODH e UERJ. Pois, este município, segundo dados oficiais, ocupa a lamentável ‘primeira posição’ dentre os demais do país no assassinato de mulheres.

A tabela abaixo traz informações sobre violência contra mulher do Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada- IPEA dos anos de 2017, 2018 e 2019, referentes ao Brasil e o Estado do Rio de Janeiro. Na plataforma do IPEA os dados do Atlas da Violência estão consolidados até 2019. A tabela apresenta o resultado total, no período em referência, de 12.993 e média de 4.331 para o mesmo período.

² CIAM – Centro integrado de Atendimento à mulher. CEDIM – Conselho Estadual dos Direitos da Mulher

³ NIAM - Núcleo Integrado de Atendimento à Mulher (NIAM), vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos, da Prefeitura de Seropédica.

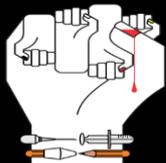


Tabela 1 – Números absolutos Homicídio de Mulheres- período 2017 a 2019

	2017	2018	2019	TOTAL
BRASIL	4937	4319	3737	12.993
ESTADO DO RIO DE JANEIRO	401	380	217	998

Fonte: Elaborada pelos autores com base em dados disponíveis no IPEA- Atlas da Violência, 2022.

Os dados estatísticos têm a função de indicar caminhos para as políticas públicas, cada registro traz a história de uma mulher, de uma vida interrompida, de famílias que passam a viver com a dor da perda de uma filha, mãe, irmã, tia, amiga... .

2613

REFLEXÕES SULEADORAS DO PROJETO EMPODERADAS NA UERJ

A apresentação dos dados, nessa pesquisa, propõe um deslocamento, destacar que as violências sofridas pelas mulheres, que os resultados estatísticos podem ressignificar outros olhares, para não mais enaltecer mortes e sim celebrar vidas. Não se pretende negar os números, pois eles existem, são fatos e devem ser ferramentas na construção de políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero feminino. O que se traz para inovação da pesquisa é que nos territórios onde essas violências ocorrem, há muitos atores/sujeitos de uma história: de vida, de luta e de existência. As mulheres que sobreviveram, que superaram vários tipos de violência, precisam ser acolhidas, falar de seus sonhos, narrar suas experiências, seus desejos e expectativas de vida. O Programa Empoderadas se destaca como esse lugar de acolhimento, como uma política pública com ênfase em direitos humanos, que precisa ser integrada junto à segurança pública, política de saúde da mulher, segurança alimentar, política de educação e renda e trabalho. É importante, também, fortalecer e investir em políticas de educação voltadas à equidade de gênero e na valorização da dignidade e dos direitos humanos das mulheres, bem como em políticas preventivas.

METODOLOGIA

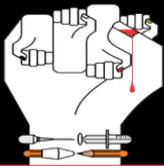
O programa Empoderadas atua na formação corpo a corpo nos polos, praças, espaços públicos arregimentando mulheres/professoras de jiu jitsu; a equipe UERJ vem problematizando tais ações com uma pergunta suleadora: Como “empoderar” vidas, ressignificando-as, diante dessa política de morte, do feminicídio?

Realização:



Apoio:





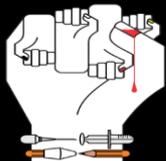
Com a entrada da UERJ, a metodologia passa a priorizar o “paradigma da potência” (FERNANDES; SOUZA; BARBOZA, 2018), que busca se contrapor a narrativa e discurso hegemônicos da morte. A escuta de mulheres vítimas de violência tem demonstrado a predisposição para o inevitável, morte, e a descrença na possibilidade de um “basta”. Entretanto, a escuta de relatos de mulheres sobreviventes e que saíram da situação de risco de vida tem efeito potencializador na vontade de mudar e na participação das atividades do projeto Empoderadas; na busca por apoio da rede.

Ao analisar os dados de violência dos Institutos de pesquisa, propomos ressignificar os números da morte, captando as histórias e narrativas de sobrevivência e de superação das mulheres do programa Empoderadas. Sendo assim, nossa pesquisa privilegia o poder inventivo dos sujeitos e de seus territórios periféricos, contrapondo representações negativas, estereotipadas marcadas por grupos estigmatizados pela violência, que tem suas existências, reputações desvalorizadas.

A metodologia centraliza as mulheres como sujeitas propondo estimulá-las a expor as suas narrativas agindo como protagonistas da sua própria história, do seu corpo, e de seus territórios. Esta opção se coaduna com o que Conceição Evaristo (2020) denomina de escrevivência. Para a autora, o conceito refere às mulheres negras escravizadas, que mesmo sob a violência cotidiana do sistema escravista, contavam histórias para as crianças da casa-grande. Entretanto, Evaristo salienta a adaptabilidade da escrevivência a outros tempos, realidades e campos do saber, para além da literatura. (EVARISTO, 2020).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A pesquisa tem como base o programa Empoderadas que tece redes de vida, acompanhando as ações, eventos, interações realizadas nos polos Empoderadas, e as articulações entre os órgãos e equipamentos que atendem as mulheres nas suas múltiplas necessidades. Como também as possibilidades de integração entre poder público e sociedade civil. Nossa pesquisa consiste em conhecer e acompanhar trabalho dos Polos do Programa Empoderadas espalhados pelo estado do RJ; entrevistar e narrar as histórias das mulheres sobreviventes, aquelas que conseguiram sair do ciclo de violência, contrapondo o discurso hegemônico da morte; atender a Agenda 2030 da ONU, em especial os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS-4 (Educação de Qualidade) e ODS-5 (Igualdade de Gênero).



Está sendo realizado também a compilação de dados sobre violências contra as mulheres das plataformas Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro-ISP RJ- Dossiê Mulher e do Instituto de Pesquisa Aplicada – IPEA. Cujas análises desses dados torna-se informação importante para mapear os desafios nos territórios estudados e propor diagnóstico para a execução de políticas públicas.

PALAVRAS CHAVE: Empoderadas. Redes de vida. Prevenção à violência.

2615

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO Evaristo “A **escrevivência** serve também para as pessoas pensarem”. Entrevista realizada por Por Tayrine Santana, Itaú Social, e Alecsandra Zapparoli, Rede Galápagos, São Paulo. 09 de novembro de 2020. In: < CONCEIÇÃO EVARISTO - “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem” _ Itaú Social.pdf > acesso em 20 de fevereiro de 2022.

FERNANDES, Fernando, BARBOSA, J org, SILVA, Jailson. **Paradigma da Potência e a Pedagogia da Convivência**. Revista Periferias, V.1, N, 1 2018.

SCHERER-WARRER, Ilse. **Das Mobilizações às redes de movimentos sociais**. *Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 21, nº1, pag. 109-130, jan-abr, 2006.

Realização:



Apoio:

